



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

ALERTA DA QUEBRADA: OS USUÁRIOS DE DROGAS NO RAP DA
CEILÂNDIA

Sílvia Rodrigues Fernandes

Brasília
2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

***ALERTA DA QUEBRADA: OS USUÁRIOS DE DROGAS NO RAP DA
CEILÂNDIA***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Serviço Social da Universidade
de Brasília – UnB, como requisito parcial para
conclusão do curso de Serviço Social /bacharelado

Orientação: Prof. ^aDr ^a Nair Heloísa Bicalho Sousa

Brasília

2014

Dedico o presente trabalho de conclusão de curso a todos (as) lutadores (as) sociais, sobreviventes das periferias brasileiras, que ao surgirem, dão ainda mais significado à nossa existência na construção de um novo mundo e a libertação do povo dos processos de opressão da sociedade capitalista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste curso.

Aos meus pais Eduardo Fernandes e Jane Wilme Rodrigues Fernandes, por acreditarem no meu potencial, nas minhas perspectivas.

As minhas irmãs Flávia e Luciana, pela paciência de partilhar e ouvir minhas observações de mundo, tudo que se constituiu como parte de minha formação.

Aos meus novos familiares Leandro e Pablo que compartilharam parte da minha caminhada e, torcem por mim.

Aos meus cãozinhos Pivo e Chong que são carinho para toda hora.

A todos os amores correspondidos e não correspondidos que vivenciei.

A todos os amigos, que passaram e me acompanham na vida e na militância, em especial, a minha irmãzinha Karla Ramalho, grandes pessoas marcantes, que comemoraram junto a mim, cada passo dado em direção ao meu crescimento humano e intelectual. Sempre sentirei a presença de vocês, e sei que compartilharão, ainda, muitos episódios de minha vida.

Ao meu querido amigo Thiago Petra em que me ajudou na inspiração para este tema.

A professora Nair Heloísa Bicalho de Sousa, cuja personalidade sempre me marcou, seu otimismo e carinho em valorizar as lutas sociais, e sua energia para mudar o mundo e a universidade. Agradeço pelo estímulo acadêmico, ensinamentos e incentivo.

Ao meu colega de trabalho Moacir Lima que me ajudou nas gravações das letras e que muito me ensinou sobre a vida na periferia.

Ao movimento estudantil da Universidade de Brasília, espaço onde pude conviver e enriquecer minha formação, e a todos, professores, servidores e colegas aos quais proporcionaram, além do crescimento intelectual, grandes lições de vida.

A todos, a minha eterna gratidão.

BANCA EXAMINADORA

Título: *ALERTA DA QUEBRADA: OS USUÁRIOS DE DROGAS NO RAP DA CEILÂNDIA*

Autor: Sílvia Rodrigues Fernandes

Natureza: Monografia

Objetivo: Título de Bacharel

Instituição: Universidade de Brasília

Área de Concentração: Serviço Social

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof. ^aDr ^a Nair Heloísa Bicalho de Sousa

Departamento Serviço Social/Universidade de Brasília

Membro titular

Prof. ^a M. Sc Jamila Zgeit

Departamento de Serviço Social/Universidade de Brasília

Membro externo titular

Prof. M. Sc. Thiago Petra da Motta Campos

Psicólogo clínico da ONG Inverso e do Movimento Pró-Saúde Mental do DF

Sou da Ceilândia eu sou mais eu
Falo faço e aconteço
Por essa terra tenho apreço
Essa é minha quebrada não pega nada
Câmbio Negro tá na área falando sem embaraço
Se o bicho pega pro seu lado colega véi um abraço
(Ceilândia revanche do gueto, Câmbio Negro, 1995)

RESUMO

Em nosso país, o tema do uso de substâncias psicoativas já foi alvo de diversas intervenções governamentais, projetos publicitários ou mesmo iniciativas culturais livres da sociedade civil para alertar sobre seus abusos. A temática é abordada em diversas concepções, da sobrevivência no contexto do proibicionismo à prevenção e promoção em saúde, na busca pela qualidade de vida em suas múltiplas expressões. O movimento *hip hop*, movimento social formador de consciência política, promove ações culturais de elevação da auto estima dos moradores da periferia, e através da poesia também se consolida como uma representação no debate de drogas nos grandes centros urbanos.

O objetivo deste trabalho é analisar a poesia *hip hop*, o chamado *rap*, no foco das representações cotidianas na vida do usuário de substâncias psicoativas na cidade de Ceilândia - Distrito Federal. Neste estudo, foi observado como os *rappers* entendem este fenômeno e as estratégias de sobrevivência colocadas por estes na periferia.

Palavras-chave:

Drogas e sociedade; Uso e Abuso de substâncias psicoativas; Violência; Movimento *Hip Hop*; Música *rap*.

ABSTRACT

In our country, the issue of psycho substances has been the target of several government interventions, advertising projects or even free cultural initiatives of organized civilizens to warn to the drug abuse problems. These theme is approached in various conceptions from the ways to survive from the prohibition, to the prevention and promotion of health, both of them search for the quality of life in its multiple expressions. The hip hop movement, social movement forming political awareness, promotes cultural activities of self-esteem and it is rising living on the periphery through poetry, it is also consolidated as a subsidiary on the drug debate in large urban centers.

The propouse of this study is to analyze the poetry hip hop, rap called, on focus of everyday representations in the life of psychoactive substance users in the city of Ceilândia - Federal District. In this study, it will observe how the rappers understand this phenomenon and the survival strategies posed by these in the periphery.

Keywords:

Drugs and society; Use and abuse of psychoactive substances; violence; Hip Hop movement; Rap music.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
1.2 Justificativa..	10
1.3 Objetivos.....	12
1.4 Metodologia.....	13
2- REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Da Comissão de Erradicação das Favelas (CEI) à Ceilândia – Distrito Federal.....	14
2.2 Surgimento e difusão do movimento <i>hip hop</i> em Ceilândia.....	17
2.3 A periferia e a relação do consumo de drogas ilícitas.....	20
3- ANÁLISE DAS LETRAS.....	28
3.1 Os usuários de drogas	28
3.2 As drogas consumidas.....	31
3.3 Os inimigos.....	34
3.4 Os protetores.....	37
3.5 O que as músicas enfatizam – refrões.....	43
4- CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	44
5- REFERÊNCIAS.....	46
6- ANEXOS.....	49
ANEXO 1 Quem são os <i>Rappers</i>	49
ANEXO 2 Letra as músicas	51
ANEXO 3 Glossário	59

1- INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Ainda hoje o uso de drogas gera polêmicas e controvérsias. A diferenciação, o estigma, a demonização, a hostilidade, a exclusão, ainda derivados da própria ideia de crime por estar usando drogas, geram violência, seja da parte de agentes policiais, seja da parte daqueles a quem é atribuído o papel do “criminoso”, do “mau”, do “perigoso”, muitas vezes apontados como o “inimigo”.

Na periferia, muitas são as interpretações sobre este fenômeno. Neste estudo, pretendo analisar a diversidade de interpretações do movimento *hip hop* sobre esta realidade, que é operacionalizada cotidianamente pela literatura marginal, por meio do *rap* nas suas iniciativas na comunidade. O conteúdo das mensagens musicais será alvo de análise, sobre as adversidades do uso de drogas neste contexto, e o interesse comum da busca por estratégias destes indivíduos, tendo em vista a sobrevivência no cenário adverso de violência e contradições dos espaços urbanos das periferias brasileiras.

De 2011 a 2013 trabalhei na Câmara Federal no mandato da deputada federal Erika Kokay do Partido dos Trabalhadores do Distrito Federal, e lá pude acompanhar a temática da Reforma Psiquiátrica e os dilemas na implementação dos serviços no âmbito local e avanços/retrocessos ao nível nacional. O contato com o Movimento Pró-Saúde Mental do Distrito Federal me proporcionou uma vivência com profissionais e usuários que questionam o modelo asilar, ainda hegemônico, do cuidado aos usuários de álcool e outras drogas.

As parcerias com o movimento *hip hop*, nos vários espaços em que pude participar, me trouxeram questionamentos sobre a percepção destes diversos atores sociais, *rappers*, sobre as vivências dos usuários de drogas nas periferias. Esta curiosidade, me incentivou a esta monografia. Ceilândia foi escolhida por ser considerada, popularmente, a cidade berço do *hip hop* do Distrito Federal.

Há muitas lacunas de estudos sobre a literatura marginal, esta ainda é uma cultura popular pouco analisada pelo meio acadêmico e literário. O *rap* é protagonizado, em sua maioria, por autores negros de periferia: membros historicamente excluídos da produção científica das universidades brasileiras.

É interesse do Serviço Social priorizar temas de estudo sobre as expressões da questão social nos grandes centros urbanos e as formas de organização dos movimentos sociais, motivo pela qual, este estudo ganha relevância.

Este trabalho aponta as potencialidades de interações do movimento *hip hop* com a comunidade, em especial, ao identificar as representações do *rap*, como um agente de ativismo urbano: um movimento social presente nas periferias com vistas à transformação da realidade vigente. Este estudo provocará uma reflexão sobre a visão do uso e abuso de drogas na música do *rap*. A intenção é compreender o papel do movimento social *hip hop* e sua interpretação sobre os aspectos estruturais e particulares do tema.

1.2- Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a maneira como os usuários de drogas e seu contexto sociocultural são representados nas letras do *rap* de Ceilândia – Distrito Federal.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Conhecer o contexto social de Ceilândia - Distrito Federal e seus desdobramentos no plano cultural;
- b) Investigar a trajetória do movimento *hip hop*, o surgimento e a difusão dos grupos de *rap* em Ceilândia – Distrito Federal;
- c) Articular a Política Nacional de Atenção Integral ao Usuário de Drogas com a rede psicossocial e de cultura de Ceilândia – Distrito Federal;
- d) Conhecer o modo de representação dos usuários de drogas nas letras do *rap*.

1.4- Metodologia

1.4.1 Pesquisa qualitativa e documental: autores de referência Gil (1999) e Minayo (2010). Nesta etapa foram selecionados os dados, ou seja, os grupos e as letras das músicas de *rap* essenciais para a pesquisa. O I Expo Hip Hop do Distrito Federal em 2014 em Ceilândia - Distrito Federal foi escolhido para seleção dos grupos da cidade, por ter sido o último maior evento de caráter regional, após a cultura de proibição de eventos públicos do movimento *hip hop* na cidade de Ceilândia – Distrito Federal. Foram selecionadas cinco letras de cinco grupos de *rap*, sob o tema central nas drogas, tendo como foco a questão dos usuários.

1.4.2 Pesquisa bibliográfica: foram levantados livros, teses, revistas e artigos científicos referentes ao tema da monografia;

1.4.3 Análise qualitativa: Após a leitura das letras foram criadas cinco categorias analíticas para tratar do conteúdo das letras de *rap*. Este procedimento corresponde a uma análise qualitativa das músicas, de modo a compreender em maior profundidade o significado das linguagens construídas sobre a realidade dos usuários de drogas e as referências fundamentais deste contexto analisado.

As cinco categorias de análise (1. Drogas; 2. Usuário de drogas; 3. Inimigos; 4. Protetores e 5. Refrões) correspondem aos temas principais dos conteúdos das letras de *rap*, motivo pelo qual foram selecionados como eixos centrais da análise qualitativa.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Da Comissão de Erradicação das Favelas (CEI) à Ceilândia - Distrito Federal

A região administrativa de Ceilândia- Distrito Federal foi criada a partir da Campanha de Erradicação de Favelas – CEI em 1971, o primeiro projeto de erradicação de favelas realizado no Distrito Federal. O objetivo da intervenção estatal era remover os aglomerados urbanos, em decorrência dos grandes canteiros de obras, da chamada Cidade Livre, que atualmente conhecemos como Núcleo Bandeirante. Um número imenso de famílias, de baixa renda, sobretudo vindas do nordeste, de Goiás e Minas Gerais, amontoavam-se nesses espaços.

A construção da nova capital era um cumprimento da meta estratégica institucional do governo Kubitschek, a qual demarcaria uma nova era da história nacional através da difusão da ideologia do desenvolvimento do país. “Desta forma, os migrantes foram chegando e pela falta de habitações populares, construíram os seus barracos em áreas invadidas, originando as invasões populares das terras públicas do Distrito Federal” (APDF, cad. pesq. 10, p. 15).

Segundo ainda este documento, nas proximidades do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira surgiu a Vila IAPI, que somada aos agrupamentos favelados denominados Vila Tenório, Esperança, Bernardo Sayão, Colombo, Morro do Urubu, Placa da Mercedes e outros constituíam a denominada “Grande Invasão do IAPI”, que fora transferida para Ceilândia. As remoções para a nova cidade foram iniciadas em 27 de março de 1971, estabelecendo a data de sua fundação a partir da transferência de aproximadamente, 80.000 moradores.

O governo do presidente Médici (1970-1973) promoveu publicidade para dar incentivo a essa remoção, e o discurso desenvolvimentista escondia a realidade da ditadura e a ausência de satisfação efetiva das necessidades sociais básicas da população. Em vista disso, Pereira (2000) descreve que no período da ditadura militar, a desigualdade social se aprofundava e as classes sociais mais suscetíveis à cooptação estavam fascinadas pelo clima de prosperidade e com a possibilidade de ascensão social. Mesmo os projetos sociais dotados de abordagens novas e atraentes, vinculavam-se prioritariamente à manutenção do poder e à garantia do alto crescimento econômico, transformando cidadãos em clientes de políticas sociais.

Segundo Couto (2008), este período autoritário foi perverso no que diz respeito à constituição de uma cultura baseada nos direitos e pautada no mérito, pois adotou uma política centralizadora e autoritária, com o cerceamento da participação popular no âmbito do sistema de proteção social.

Neste contexto, a vinculação identitária com a Brasília em construção por parte dos candangos, com sua expansão territorial apresentou uma série de problemas urbanos (serviços e equipamentos coletivos) que foram se tornando escassos, e para a população ficou rompida a antiga sensação de solidariedade com o espaço urbano, como ocorria antes da mudança, conforme analisa Houston (1993). Tanto que, com o decorrer da inauguração da cidade, para as elites locais, um candango tornou-se aquele que não era social ou oficialmente aceitável.

Com a chegada constante de novos migrantes ao Distrito Federal, Machado e Sousa (1998) relatam a criação do Programa Habitacional da Sociedade de Habitação de Interesse Social - SHIS que levou o governo a instituir outras áreas em Ceilândia – Distrito Federal. Em 1976, foi criada a QNO (Quadra Norte “O”) e, em 1977, o Núcleo Guariroba, situado na Ceilândia Sul. Surgiram depois os Setores “P” Norte e “P” Sul (1979). Em 1985, foi expandido o Setor “O”; em 1988 ocorreu o acréscimo do Setor “N”; em 1989 o Setor “P” Sul e QNQ e em 1992, o Setor “R”.

Em Ceilândia, as precárias condições de vida, a dificuldade de pagar e legalizar os lotes, a necessidade de buscar novas formas de identidade coletiva, valorizando o habitante e o espaço habitacional, deram origem a movimentos sociais e à formação de várias lideranças locais. Segundo Rezende (1991), um dos mais importantes movimentos sociais foi o *Movimento dos Incansáveis de Ceilândia e a Associação dos Inquilinos* que surgiram no final da década de 1970, movimentos massivos dos moradores em clamor pelo direito à cidade: luta por moradia e por infraestrutura técnica e social, por regularização fundiária e democratização dos espaços coletivos.

A luta pelo direito a morar marcou a história da cidade de Ceilândia no que se refere à organização coletiva dos indivíduos. Posteriormente, Machado e Sousa (1998) evidenciam uma nova articulação entre a sociedade civil e o Estado com novas expressões organizativas a partir da década de 1990, tais como: associações, prefeituras comunitárias, conselhos, movimentos culturais, configurando uma rede que buscava alcançar a efetivação dos direitos humanos em Ceilândia.

De acordo também com Machado e Sousa (1998), a atuação das ONGs somou-se às lutas por direitos, empreendidas por diferentes movimentos sociais plurais e autônomos desde os anos 1970 (moradores da periferia urbana, mulheres, trabalhadores, negros, índios, ecologistas, homossexuais, meninos de rua, etc.), voltados para o construção de uma esfera pública capaz de reconhecer, representar e negociar as reivindicações presentes nos diversos projetos coletivos, e assim prosseguiu nos anos 1980 a 1990, ao longo de diferentes gestões governamentais.

A população urbana da Ceilândia foi estimada, no ano de 2013, em 449.592 habitantes. Neste mesmo ano, o IBGE incluiu pela primeira vez, em sua pesquisa, os condomínios Pôr do Sol e Sol Nascente. Nos estudos destas duas novas ocupações, foi constatada a não existência de um

sistema de saneamento básico, entre outros problemas de infraestrutura. Com uma população estimada em 78.912 moradores na região destes condomínios, o Sol Nascente se destaca com a maior favela do país — à frente da internacionalmente famosa Rocinha, no Rio de Janeiro, que conta com 69.161 habitantes (Correio Braziliense, 10/02/2014).

Conforme dados da CODEPLAN (2013), Ceilândia atualmente possui uma área urbana de 29,10 km² e está subdividida em diversos setores: Ceilândia Centro, Ceilândia Sul, Ceilândia Norte, P Sul, P Norte, Setor O, Expansão do Setor O, QNQ, QNR, Setores de Indústria e de Materiais de Construção e parte do INCRA (área rural da região administrativa), Setor Privê e condomínios que estão em fase de legalização como o Pôr do Sol e o Sol Nascente.

De acordo com a pesquisa realizada pela CODEPLAN intitulada Perfil dos Jovens do Distrito Federal (2012), em 2010 os jovens de 15-29 anos representavam 28,2% da população de Ceilândia, sendo que destes, 55,69% se identificam como pardos e 10,57% como negros. Uma população de jovens que são em sua maioria trabalhadores (58,27%) e ainda apresenta um índice de analfabetismo de 1,17%.

A violência ainda é um elemento fundamental presente no cotidiano da cidade, com o valor nominal de 163 homicídios em 2012, obtendo uma incidência de 4 a cada 10 mil habitantes. Um outro estudo da CODEPLAN (2013), analisa a necessidade de ampliação de políticas sociais para a juventude em todo o Distrito Federal, em especial a juventude negra. Os índices apresentados evidenciam o fato da questão racial afetar especialmente aos segmentos sociais que sofrem mais intensamente as mazelas de desemprego, violência e falta de profissionalização.

Ceilândia é também uma cidade reconhecida por suas matrizes culturais. Destaca-se a como berço do *hip hop* no Distrito Federal, o centro do carnaval por meio do Ceilambódromo, além de sediar a Casa do Cantador que é referência para a cultura nordestina, além de grandes eventos como São João do Cerrado, entre outros. De acordo com Ministério da Cultura, hoje existem nove pontos de cultura na cidade e vários projetos apoiados pelo Fundo de Amparo à Cultura (FAC) do Distrito Federal.

2.2 Surgimento e difusão do movimento *hip hop* em Ceilândia

Para Tavares (2010), o movimento *hip hop* é caracterizado como um movimento social de juventude, sendo a sua análise relevante para compreender a configuração de sua origem. São diversos os condicionantes que definem as distinções sociais perante outros grupos e sua inter-relações de acomodação ou transformação na pluralidade de culturas juvenis. O *hip hop* para o autor, não é um movimento social unívoco, sendo seu perfil vinculado às características identitárias desses coletivos.

É necessário reconhecer que não existe uma unidade absoluta entre os jovens, considerando a diversidade existente em uma série de fatores, dentre os quais podemos citar o sexo, a orientação sexual, a condição social, a diversidade cultural, étnico-racial e religiosa, a origem agrária ou urbana, a ocupação, a existência ou não de prole, o domicílio e a forma de sustento, a orientação e a participação políticas, etc.

Será destacado neste trabalho, os coletivos e temas principais abordados na literatura produzida na periferia de Ceilândia que são, em maioria, formados pelas mesmas problematizações de outras cidades do Brasil, no que diz respeito aos assuntos das classes populares como os da violência urbana, o abuso de álcool e outras drogas, a pauperização e a dificuldade de acesso às políticas públicas.

Tendo sua origem nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, o *hip hop* emerge como expressão de uma nova consciência política, movimento através do qual jovens negros e latinos, apresentaram no seu estilo de vida um elo histórico no processo de identidades individuais e coletivas das populações negras.

Para Ribeiro (2012), o *hip hop* enquanto conceito surge em meados da década de 1970, quando a banda Afrika Bambaataa, nome de um antigo líder Zulu adotado por Kevin Donovan, o bairro no Bronx (Nova York) cunha a expressão *hip hop* que significa “balançar o corpo”, para designar uma nova forma de exercício reivindicatório e libertário, baseado na construção e na busca incessante por conhecimento para a melhoria das condições de vida da população jovem afro-americana, aliado comitadamente, à procura em desenvolver uma nova forma de fazer música.

Há uma série de elementos que constituem o *hip hop*, entre os principais estão o *break* (dança), o *rap* (*rhythm and poetry* – ritmo e poesia), o grafite (expressão artística na forma de desenhos) e as figuras dos *Mcs* (mestre de cerimônias) e *Djs* (disc-jóqueis).

À parte musical do *hip hop* dá-se o nome de *rap*, é o ritmo aliado à poesia nos cantos de *hip hop*, uma forma de expressão que encontra as suas raízes na tradição oral da cultura africana. De

acordo com Davey Dcook (2012), a grande audiência deste estilo musical deve-se ao fato de permitir ao jovem se expressar livremente, sendo assim, os sentimentos da juventude negra e latina dos guetos norte-americanos eram retratados de forma real e com emoção.

Segundo Ribeiro (2012), o início do movimento hip hop no Brasil não tinha a característica de ser reivindicatório, tratava-se mais de uma descoberta musical. Todavia, o início dos *Bailes Blacks* proporcionavam aos frequentadores a criação de uma identidade étnica e de novas representações. Sposito (1994) revela a origem destas práticas artísticas que foram notadas a partir de grupos de dança da rua 24 de maio e da Estação de Metrô São Bento, que eram pontos de encontros de *B.Boys*, *MC's* e *Djs* na cidade de São Paulo.

O movimento *hip hop* surge em Ceilândia concomitantemente com outras metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que suas representações se tornaram mais expressivas no final da década de 1980, onde o tempo histórico de grave crise econômica trouxe um ativismo político cultural urbano de forte de contestação, com um grande potencial crítico, pedagógico e mobilizador. Uma produção cultural com identidades juvenis, centrada na negritude, na identidade de classe e principalmente na referência espacial das favelas e periferias. .

Destaca-se aqui a participação no movimento do *rap* nos anos 1980 e 1990 – Distrito Federal, os grupos Os Magrellos, Câmbio Negro, Baseado nas Ruas, Guind'Art 121 e Cirurgia Moral. Devem ser incluído a dupla Thaíde e Dj Hum, os *rappers* Gog, X, Rei e Dj Jamaika, entre outros, o que justificou a escolha da cidade de Ceilândia, como um centro cultural com expressiva produção musical na modalidade do *rap* nacional. Importante destacar as iniciativas do programa de rádio “Mix Mania” do DJ locutor Celsão que foi sucesso nesta época, com divulgação da produção artística local e a boate popular chamada Quarentão que era um ponto de encontro de jovens, onde atualmente fica a sede de Administração, segundo Tavares (2010).

As ações de visibilidade do movimento *hip hop* de Ceilândia levou este a ser incluído no cenário cultural do DF e deu amplitude às opiniões do movimento e às suas reivindicações por maior qualidade de vida, exigência de garantias de direitos e políticas públicas de interesse da população marginalizada. Muitos destes jovens se reconheceram em seu espaço urbano e se identificaram em uma realidade diferenciada da dos jovens do Plano Piloto.

Recentemente, as tecnologias da internet e as facilidades da pirataria popularizaram o acesso e a difusão dos trabalhos dos artistas. A popularização do estilo *hip hop* também vem contribuindo para a diminuição do estigma ainda muito presente em relação aos protagonistas desta manifestação cultural. É importante ressaltar, que em 1998 o bailes chegaram a ser proibidos na cidade, após um caso de homicídio, que por consequência, o secretário de segurança pública Paulo Castelo Branco

estabeleceu ações ostensivas para inviabilizar a organização de eventos na região, segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001). Esta coerção, em menor grau, ainda é vivida até hoje.

Atualmente, as dificuldades estruturais de ampliação do direito à cultura permanecem na realidade urbana das periferias e nas relações históricas de poder das cidades. Todavia, com a linguagem do *rap* e sua poesia, os jovens de Ceilândia através de seus diversos grupos passaram a se expressar de maneira mais cotidiana com novos coletivos nesta nova década, tais como: PR15, Sobreviventes de Rua, Arsenal do Gueto, Tropa de Elite, Dom Secreto, Rapadura, Vera Veronika, Donas da Rima, Nego Dé, Proceder da Fé, entre outros.

Além disso, reconhece-se o surgimento de novos eventos públicos protagonizados pelo movimento *hip hop* tais como: os eventos de comemoração do mês da Consciência Negra, I Expo Hip Hop de Brasília, Sarau Caligrafia Maldita, Festival “Quando as ruas chamam”, entre outros. Com mais intensidade, as ruas da cidade vem sendo ocupadas por batalhas de rimas, campeonatos de *bboys* e *bgirls*, shows, basquete de rua, grafites, entre outras expressões culturais.

2.3 A periferia e a relação do consumo de drogas ilícitas

Um dos temas marcantes nas letras *rap* é a vida da periferia convivendo com o tráfico e o consumo de drogas. Soares (1997) aponta o consumo de drogas como o “mal estar contemporâneo” das interações dos indivíduos com seu contexto social. Ou seja, o sistema econômico influencia diretamente o acesso às drogas no contexto do capitalismo. A forma prazerosa ou um mecanismo de fuga associado ao seu uso coloca, em questão, a “normatização” da sociedade e dos seus métodos de controle, o que impulsiona o antídoto contra o sofrimento existencial.

Outra abordagem interessante, é do escritor inglês Aldous Huxley que defende que faz parte do ser social o uso de drogas. Para tudo, na alegria e tristeza, o ser humano justifica o uso de alguma substância que lhe dê prazer.

“Parece improvável que a humanidade em geral seja algum dia capaz de dispensar os “paraísos artificiais, isto é... a busca de autotranscendência através das drogas ou... umas férias químicas de si mesmo...A maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas – ou tão monótonas, pobres e limitadas, que a tentação de transcender a si mesmo, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma” (Huxley, 2002)

Em relação ao uso de álcool e outras drogas, sobretudo as drogas ilícitas, podemos observar que existe uma forte conotação moral que dificulta as abordagens mais adequadas aos pacientes em situação de dependência. Existe uma associação, por parte da sociedade, de que o usuário é “fraco”, “com falta de amor próprio”, “mau caráter” e que o uso e a dependência são “sem solução”. O uso de substâncias psicoativas é polêmico nos discursos midiáticos, nos espaços educacionais e, na construção de políticas públicas. Campanhas com dizeres como “Diga não às drogas”, não dialogam com a realidade de uso contínuo ou não contínuo dos usuários que são o principais alvos dessas políticas de prevenção.

Por mais que as legislações estejam modificando para minorar o caráter punitivo ao usuário, a visão mística que ele é perigoso ainda é efervescente na propulsão de iniciativas com intenso atravessamento político-ideológico pautado na reclusão, estigmatização, cura plena, controle no comportamento de vida. Este discurso tende a estimular a sociedade num entendimento acrítico sobre os reais malefícios das drogas à saúde e contribuem para a construção de políticas sociais

baseadas na repressão e na restrição de direitos, principalmente, nas periferias. Nos grandes centros urbanos, a violência e a arbitrariedade são frequentes nas medidas autoritárias, coercitivas, higienistas reduzindo o fenômeno do uso de drogas à culpabilização do indivíduo.

Karam (2009) questiona as tendências expansionistas do poder punitivo, impulsionadas em grande parte pela “guerra às drogas”. Suas reflexões colocam em pauta os danos e os enganos globalmente produzidos pelo proibicionismo, questionando o discurso que demoniza substâncias presentes nas convenções internacionais e nas demais legislações brasileiras criminalizadoras. A autora revela a incorporação de controle social exercido nas periferias através do sistema penal de estratégias e práticas que tem propagandeado o aumento incontrolável da chamada “criminalidade de massa”.

A denominada a Lei nº 11.343, de 08 de agosto de 2006 – aumentou as penas relativas à estrutura do sistema proibicionista do tráfico e a relação de controle das periferias e tem demandado inúmeras discussões e polêmicas. Em relação ao usuário, às recomendações da ONU (Organização das Nações Unidas) propõem a extinção da pena de prisão, o que segundo Karam (2009), significou um pequeno avanço.

O art. 28, da aludida lei: "Quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar será submetido às seguintes penas (grifei):

I - advertência sobre os efeitos das drogas;

II - prestação de serviços à comunidade;

III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo".

O Brasil vive uma dubiedade de iniciativas na suas políticas sobre drogas, por um lado, os eixos da Política Nacional Antidrogas de 2001, sob o protagonismo da Secretaria Nacional Antidrogas (hoje Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD), focam em uma estratégia de combate à oferta de drogas articulado com o aparato da segurança pública; de outro, a organização de forças políticas saúde mental e direitos humanos assumem o problema das drogas como questão de saúde pública, tal como propõe a política do Ministério da Saúde (2003) para atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas, sob o protagonismo da saúde mental.

Nesta iniciativa do Ministério da Saúde foi referenciada pela primeira vez a política de Redução de Danos. Esta seria uma nova base de orientação ético-política a ser implementada, que obteve, historicamente, forte oposição dos que se alinham moralmente à compreensão da abstinência completa e imediata dos usuários de forma totalizante.

O conceito de saúde associado à qualidade de vida apresentou a possibilidade da atenção em

saúde inserida em um contexto, onde se orienta os profissionais da saúde a uma nova postura dos colaboradores no processo do autocuidado e busca da autonomia desses sujeitos para um processo contínuo da saída da situação de dependência. Este rompimento de tabus e a proposta de ampliar inovações de técnicas da Redução de Danos significou um avanço, pois estas estratégias já haviam sido vivenciadas com sucesso em intervenções em algumas cidades, tais como: Santos (precursora nas políticas de Redução de Danos para pacientes com HIV), Salvador (pioneira na criação dos consultórios na rua), Belo Horizonte, Porto Alegre, entre outras.

Marlatt (1999) apresenta os princípios básicos da Redução de Danos como: uma alternativa de saúde pública em relação aos modelos moral e criminal; reconhece a abstinência como resultado ideal mas aceita alternativas de ações que reduzam os danos do uso de substância psicoativas; defende a abordagem baseada na realidade de vida do usuário; e principalmente, apoia as abordagens não tradicionais no cuidado (distribuição de seringas, preservativos, etc).

Destaca-se a Portaria 1.028 de 2005 do Ministério da Saúde referente às ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, são necessários, ações de informação, educação e aconselhamento na prática da Redução de Danos. As ações desta natureza são previstas como eliminação de barreiras de acesso para os usuários de drogas que devem optar por tratamentos dignos e humanizados, não sendo submetidos à práticas discriminatórias, abusivas e de culpabilização. O diálogo das novas formas de contatos inovadoras com os pacientes é observado nas ações de prevenção e promoção de saúde adotadas.

É importante compreender que os marcos da rede psicossocial para os usuários de álcool e outras drogas, são referenciados também na publicação da Portaria 3.088, de dezembro de 2011, que veio regulamentar a tipificação dos serviços e ações oferecidas na atenção psicossocial no país para as pessoas com sofrimento ou transtornos mentais, incluindo aqueles decorrentes do uso prejudicial de drogas.

Este decreto complementou a Lei n 10.216, que afirma os direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental no Brasil, a chamada lei da Reforma Psiquiátrica. Esta foi um marco para as muitas experiências de desinstitucionalização de moradores de manicômios, criando os serviços de atenção psicossocial para realizar a inserção de usuários em seus territórios existenciais.

A noção de território passa ser a designação orientadora e os componentes da rede de atenção psicossocial são: a Estratégia da Saúde da Família – ESF; os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF); as equipes de Consultório na Rua; os Centros de Convivência; os Centros de

Atenção Psicossocial- CAPS; as Unidades de Acolhimento; os Serviços de Atenção em Regime Residencial (as Comunidades Terapêuticas); os Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU; as Unidades de Pronto Atendimento – UPA; os Serviços de hospital ou enfermaria Especializada em Hospital Geral; os serviços residenciais terapêuticos; o Programa de Volta para a Casa; e as estratégias de reabilitação psicossocial.

Contudo, segundo os dados do Ministério da Saúde (2014), há ainda 32.290 leitos psiquiátricos no Brasil, e a atenção aos usuários é centrada no modelo biomédico, onde o paciente tem seu tratamento pautado no controle da sua sintomatologia. Os serviços substitutivos ainda são escassos, possuem pouca participação dos usuários e a rede de saúde, assistência, educação, etc, são desarticuladas.

Depara-se ainda com lacunas de cobertura no território desta rede. Embora a garantia do financiamento resulte em algumas situações, na abertura massificada por parte dos municípios do dispositivo CAPS, percebe-se a ausência da maioria deste serviço em áreas densamente povoadas. Ainda assim, a modalidade requisitada para a necessidade de cada território apresenta irregular apresentação, principalmente, em grandes centros urbanos. É importante o estímulo e incentivo à abertura e manutenção de serviços diferenciados com dinâmica ativa, muitas vezes, com inexistência de estruturas físicas ambulatoriais.

A consolidação da atenção à saúde mental no Brasil depende da efetividade do Sistema Único de Saúde (SUS) e esta exige das instituições públicas representativas e da própria sociedade civil em si a movimentação político participativa. Para composição da rede, é preciso a disponibilidade de políticas e mecanismos de acompanhamento e avaliação para as diferentes possibilidades assistenciais, tanto na abertura de novos serviços, como na diferenciação dos mesmos e também, na articulação destes entre si.

Outra contradição vivenciada na rede é a de crescentes convênios com organizações sociais, entidades congregadoras de contratos de repasse dos recursos públicos às instituições privadas, chamadas comunidades terapêuticas. Entidades estas, em sua maioria, de caráter religioso, são hoje expressão de aumento de ações redutoras da dignidade humana, pois estas trabalham com a retirada das pessoas de seu contexto social, exigem do usuário uma intensa autoavaliação para o estímulo da culpa, e possuem um modelo tecno assistencial com intenso atravessamento político-ideológico pautado na reclusão, isolamento e cura plena. A exemplo disso, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou o Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos sobre locais de internação para usuários de drogas, produzido pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que inspecionou as comunidades terapêuticas em todo o Brasil, e este

documento aponta várias irregularidades destes serviços.

O governo federal, em 2010, instituiu o Plano “*Crack é possível vencer*”, este plano obteve severas críticas dos movimentos sociais do SUS, em particular os da saúde mental. Após esta publicação, foi estimulado nacionalmente, a passagem do fundo público para comunidades terapêuticas, através de editais aos estados e municípios para adesão ao plano. Este tipo de transferência, em menor escala, já era averiguada, todavia, o consentimento de tomá-las como serviços complementares essenciais no SUS foi uma posição política nova.

As comunidades terapêuticas, estão sendo consideradas os “novos manicômios” da modernidade e estão sendo fortemente criticadas no seu modelo, pelos atores sociais, tais como: Conselho Federal de Psicologia (CFP), Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), Rede Inter núcleos de Saúde Mental (RENILA), Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME), Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais (ABRATO), entre outros.

Nesta crescente onda conservadora, outros debates afloram dentro do Congresso Nacional tendo em vistas a mudança das legislações para contemplar os interesses privados na rede psicossocial de saúde. O projeto de lei 7.633/10 do deputado federal Osmar Terra, e suas diversas modificações, trouxe polêmicas ao tentar abrandar as legislações no que confere à internação compulsória (determinada pela justiça) e na internação involuntária (a pedido da família e acompanhada pelo Ministério Público), o que demonstra um objetivo de cerceamento da liberdade dos usuários de álcool e outras drogas, no princípio da autonomia e da bioética.

Ainda hoje, apesar de todo o avanço legal e regulatório de aparelhos e serviços públicos em atenção à saúde mental previstos, persistem os modelos de tratamento segregadores e a falta de cobertura da rede a pessoas em transtorno e em situação de abuso de álcool e outras drogas. Dentro destes pressupostos, a partir dos princípios do Sistema Único de Saúde, precisa-se avançar na implementação desta rede, sendo pautada pelo princípios da reforma psiquiátrica e dos direitos humanos.

2.5 A rede psicossocial do Distrito Federal e as parcerias com o *rap*

O Distrito Federal destaca-se como uma Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) ainda fragilizada e o Ministério da Saúde utiliza um indicador, calculado a partir do número de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) para cada 100.000 habitantes. Segundo o relatório Saúde Mental em Dados 10 (BRASIL, 2012), o índice de cobertura de CAPS no DF era de 0,25, um índice considerado baixo, se levar em conta o índice nacional que é de 0,72.

Por conta destes baixos índices, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal constituiu um Plano Diretor de Saúde Mental do Distrito Federal com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010) com a meta de presença de 46 CAPS no território do Distrito Federal até 2015.

No ano de 2014, podemos verificar que há quinze CAPS voltados ao Ministério da Saúde, sendo que em 2012 só haviam sete. Há um déficit de doze unidades de CAPS 1 e 2 focados para pacientes com transtorno, e um déficit de onze CAPSi voltados para o atendimento de crianças e adolescentes.

O Movimento Pró-Saúde Mental do Distrito Federal (2013), aponta que entre algumas fragilidades da RAPS do DF estão: os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS (com apenas quinze unidades); a não existência de Serviços Residenciais Terapêuticos e Centros de Convivência e Cultura; a cobertura assistencial pela atenção básica insuficiente e pouco articulada; a não integração dos hospitais gerais à rede psicossocial; a ausência de um projeto de supervisão aos profissionais da rede; a falta de medicamentos aos usuários; e a persistência de modelos manicomial, tais como as comunidades terapêuticas, as alas de tratamento nos presídios, e o Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paula.

Sobre a rede relacionada aos usuários de álcool e outras drogas, podemos destacar que o déficit de CAPS AD é de 5 unidades, e apenas dois estão em funcionamento 24 horas. Além disso, os profissionais reclamam da dificuldade de viabilizar leitos de desintoxicação nos Hospitais Gerais públicos. Esta queixa é também generalizada, no que se refere ao serviço de acolhimento, pois atualmente há apenas duas equipes de consultórios na rua: uma em Ceilândia e outra no Plano Piloto. A política de redução de danos ainda é restrita a cursos de capacitação aos profissionais da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, sendo a política de contratação de agentes redutores de danos é uma ação sazonal.

A Ceilândia possui um serviço ambulatorial no Hospital da Ceilândia, um Centro Especializado para Álcool e outras Drogas (CAPS AD), uma equipe multiprofissional de Consultório na Rua na sua rede psicossocial. A cobertura da Estratégia da Saúde da Família não tem

a cobertura de todo o território, e os pacientes em transtorno são obrigados se deslocar para outras cidades para busca de atendimento. Verifica-se a presença de duas comunidades terapêuticas que recebem recursos públicos na região, sendo estas: a Casa de Recuperação de Mulheres de Deus, e o Instituto Recuperando Vidas, de acordo com a Secretaria de Justiça e Promoção do Direitos Humanos do Distrito Federal (2014).

A rede social de Ceilândia é constituída com forte participação dos equipamentos públicos e movimentos sociais, tendo esta sido criada desde o início da fundação da cidade, e incluída nas redes sociais desde 2008. Tem a participação de mais de 40 entidades, tais como: Academia de Polícia Civil/ Polícia Comunitária; Amigos da Paz; Academia de Polícia Civil / Divisão de Polícia Comunitária; Ação Social pela Cultura, Esporte e Lazer – ASPCEL; Associação Fomento Social; Associação União e Luta P. Sul; Casa do Cravo e a Rosa; Centro de Atendimento a Vitimas de Violência - CEAV; Central Judicial do Idoso; Centro Comunitário São Lucas; Centro de Orientação Socioeducativa – COSE/SEDEST; Centro de Referência da Assistência Social - CRAS/Ceilândia; Centro de Referência Especializado da Assistência Social CREAS/Ceilândia; Grupo Atitude; Grupo Arte Cultura e Vida; Juventude Independente; Serviço de Atendimento à Família em Situação de Violência – SERAV/ Secretaria Psicossocial Judiciária - SEPSI/ TJDF; Serviço de Atendimento a Usuário de Substâncias Químicas – SERUQ / Secretaria Psicossocial Judiciária - SEPSI/ TJDF; Programa Justiça Comunitária / TJDF; Secretaria de Estado de Justiça de Direitos Humanos e Cidadania; Circuito Marista Jovem; Centro Salesiano do Menor; Conselho Tutelar de Ceilândia; Conselho de Saúde de Ceilândia; Diretoria Regional de Ensino da Ceilândia - Ouvidoria e Psicopedagógico; EDUCS- Programa Educação para a Cidadania e Segurança / PMDF; Fraternidade Pobre Katar – Pastoral Social Paróquia Nossa Senhora da Assunção; Hospital Regional da Ceilândia; Ministério Público do Distrito Federal e Territórios; Movimento Integrado de Saúde Comunitária – MISMEC; Movimento Pró-Saúde Mental; Ecoatitude – Ações Ambientais; Valor Ambiental;• Paróquia Nossa Senhora da Assunção; Regional de Saúde da Ceilândia - Secretaria de Estado de Saúde ; Administração Regional de Ceilândia – Diretoria Social, entre outras. (Blog da Rede Social de Ceilândia, 2014)

A rede social tem como principais finalidades: viabilizar a interação e a ação conjunta entre as distintas instituições e sujeitos sociais; valorizar a participação social de diversos atores sociais; trocar experiências e compartilhar informações; possibilitar à comunidade maior conhecimento de seus direitos; atuar como força política diante do governo; criar parcerias e fortalecer os movimentos sociais.

No Distrito Federal, cabe destacar que em dezembro de 2013, foi constituída no centro oeste

a Rede de Saúde e Cultura no I Encontro Distrital da Rede Saúde e Cultura. A Fio cruz Brasília e o Ministério da Cultura promoveram uma série de atividades para a integração entre diferentes atores e práticas que relacionam a saúde e a cultura, e estiveram também presentes atores do movimento *hip hop* de Ceilândia. Neste encontro, foi constituída uma agenda de iniciativas a serem implementadas nos equipamentos de saúde em parceria com os pontos de cultura, vinculados ao Ministério da Cultura.

Cada vez mais ações, projetos e iniciativas da cultura *hip hop* estão se relacionando com as políticas sociais, nas práticas de promoção da saúde. Os grupos Jovem de Expressão, a Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS), ambos movimentos sociais protagonistas na promoção de eventos, na oferta de oficinas e palestras sobre a cultura periférica, também estiveram presentes.

Dentro destes pressupostos, um modelo dialógico a partir dos princípios do Sistema Único de Saúde deve dialogar com todos os saberes existentes. O *rap* como uma tecnologia educativa pode visar ao desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos indivíduos no cuidado com a saúde, por meio da compreensão de sua situação de vida.

Além de ser um gênero musical, o *rap* consumido pelos jovens das periferias brasileiras, também é gerador de sentidos, cujo discurso musical se caracteriza como uma das etapas dessa produção. Assim, o público, além de ouvir as canções, busca conhecer quem as produz, ouvir suas opiniões e ideias, seu entendimento sobre a realidade. Esta produção de sentido também perpassa por uma construção estética, comportamental, política e ideológica.

3- ANÁLISE DAS LETRAS:

3.1 Os usuários de drogas

1) No rap de Viela 17, na música Desvio do Zagueiro (2010):

“... enterra a pistola pra livrar dos espinhos, sozinho bastante, pra chutar as pedras do caminho...uma vez fumaça carimbo certidão final do vivo!” ;

“... fumaço outra vez, do kamikaze ao mendigo, da liberdade ao xadrez...”;

“... espelho é seu...seja um crack na vida”;

“... moleque guerreiro seja um crack, desvie desse zagueiro...”;

As mensagens expressam uma situação de solidão que pode levar à reflexão e superação. O autor questiona o usuário sobre sua percepção de sucesso e fala para desviar dos problemas e pensar sobre si mesmo. Apresenta a possibilidade futura de morte, desfiguração e prisão. Fala na terceira pessoa e sugere ao ouvinte largar o crime e a droga.

2) No rap de Enigmas da Fita, na música Escravo da pedra:

“... minha vida é paia... eu tô doente...”

“... Sou escravo da pedra John... essa vida sem graça...”

“... eu viro bicho e me transformo em lixo...”

“... tô morrendo... olhei no espelho vi um monstro... todo chupado, só o esqueleto... o vício é mais forte...”

Esta música é cantada na primeira pessoa e revela a angústia do usuário que pede ajuda para a saída da dependência do *crack*, sofre com sua situação, reconhece suas fraquezas e se angustia com sua expressão de doença.

3) No rap de Sobreviventes de Rua, na música Tire você a conclusão (2005):

“... 10/11 anos vítimas do engano, ...atitudes do cão... ao lado do único considerado... no Campo da Esperança...”

“... para te dar pandeiro, som do seu enterro...”

“... mais um pretexto, outro velório, outro enterro...”

“... a droga vira seu parceiro se a justiça não chegar...”

“... sente o clima para desordeiros...”

Os *rappers* apresentam a letra em terceira pessoa. Explicitam a repressão da justiça e da polícia e representam em vários momentos o tema da morte relacionado ao uso de drogas e ao tráfico. Associam a atitude do envolvimento em drogas a uma atitude de má influência do diabo e também de vítima do engano.

4) No rap de Tropa de Elite, na música Silêncio da miúda (2010):

“... sol não quer brilhar para você...”

“... do que adianta ir contra o vento se... Cristo que tira o tormento...”

“... difícil esquecer os problemas quando o sangue sobe à cabeça...”

O rap é escrito na terceira pessoa e fala das adversidades do mundo do crime, da necessidade de estar com Deus para aliviar as angústias e os problemas. O usuário consome vodka com energético e fuma maconha enquanto analisa as contradições da vivência na periferia.

5) No rap do Cirurgia Moral, na música Trincheira do pó.

“... lei de Deus... leis do homem... lei da selva, lei do bicho... lei da favela maloqueiro morto...”

“... viajam na lombra...”

“... rei na barriga...mais que Deus você não vai ser...”

“... maloqueiro não vai longe gente boa...”

“... não aguenta Deus que lhe guarde...”

“... cada um é um BO para a vida...”

O *rapper* que canta, dualiza a vivência do personagem descrito em terceira pessoa como um usuário e traficante que não segue a lei de Deus e sim as leis do homem. Estas leis, em sua visão, não levam longe, enganam dando a ideia do personagem como poderoso e leva à derrota pessoal.

3.2 Drogas consumidas

1) No *rap* de Viela 17, na música Desvio do Zagueiro (2010), a droga consumida é o *crack*.

“... hip hop contra o crack...”

2) No *rap* de Enigmas da Fita, na música Escravo da pedra, a referência é o *crack* e o *ox* (outro derivado da cocaína).

“... o crack é cabuloso...”

“... a evolução dela é o ox...”

3) No *rap* de Sobreviventes de Rua, na música Tire você a conclusão (2005), são usadas várias drogas como: merla, cocaína, maconha, mesclado (cigarro com crack) e cerveja.

“... pressão sobe, merla, cocaína...”

“... noite chega, o mesclado enrolado com cerveja...”

“... mais uma noite maconha, cocaína e merla...”

4) No *rap* de Tropa de Elite, na música Silêncio da miúda (2010), o autor explicita a presença da maconha e energético com vodka.

“... ligo o índio e sumo na fumaça, misturo tudo, vulcano com vodka...”

5) No *rap* do Cirurgia Moral, na música Trincheira do pó (2006), o *rapper* Rei cita o uso da cocaína.

“... você não está só, tem um exército na trincheira do pó...”

3.3 Inimigos

1) No rap de Viela 17, na música Desvio do Zagueiro (2010):

“... do contra hoje é o cachimbo...”

“... contra os irmãos, contra a missão, contra a vida, prazer que o amor abomina...”

“... pedra contra zumbi...”

“... o sistema é foda atrasa o lado...”

“... não tem espaço para falador traíra...”

“... tapa na cara do sistema injusto...”

“... revisar a canalhice e o conceito dos lucros...”

Japão Viela 17 evidencia a droga como o pior inimigo do sujeito, é ela que vai colocar todos contra você: seus amigos, sua vida e o amor. Observa as inimizades deladoras e, principalmente, denuncia o sistema injusto em que se vive.

2) No rap de Enigmas da Fita, na música Escravo da pedra:

“... dou a vida pela pedra e não posso vencer...”

“... praga do satanás...”

“... alguém me pega no fundo do quintal é mal...é pau no gato...”

O grupo Enigmas da Fita também reflete sobre o *crack* e seus derivados serem os inimigos para a destruição da vida, e expressam sua crença religiosa deste fato ser uma influência de demônios. Este também descreve a possibilidade de ser pego em uso e ser agredido.

3) No rap de Sobreviventes de Rua, na música Tire você a conclusão (2005):

“... a verdadeira face negra das ruas...”

“... 157, 12, 155, leis do perigo...”

“... palco do terror onde o diabo impera...”

“... inimigo dobrando a esquina com faróis apagados..hoje vender droga cumpadi tá embaçado...”

“... o diabo aparece de terno, ele é seu parceiro...”

“... é só a chacina o outro lado a quadrilha...”

“... tragada, o céu transforma em um inferno...”

“... “modeleti” da quebrada foi lema de governo em governo... sempre mudar o sistema...”

“... sem ver o lado dos canalhas...”

Este rap fala de maneira generalizada sobre os inimigos da periferia: aponta o sistema, os ricos que foram sempre priorizados, a polícia, as drogas, o diabo, os rivais de gangues, os crimes de assalto, roubo e furto. Todas são contradições da vida na periferia, onde ele aponta existir sobreviventes.

4) No rap de Tropa de Elite, na música Silêncio da miúda (2010):

“... ferramenta prá te jogar na barca furada...”

“... capa de pistola...”

“... proteger do inimigo onde que for...”

“... inimigos fedem igual a cecê...”

“... desviando das pedras de tropeço...”

“... a humanidade nasceu para ser covarde...”

“... bandidagem uma certa competição que te leva prá cadeia ou prá dentro do caixão...”

O Tropa de Elite descreve as dificuldades enfrentadas para desviar dos problemas, fala da guerra de gangues na cidade, e dos malefícios do crack, dos amigos que podem influenciar no crime.

5) No *rap* do Cirurgia Moral, na música Trincheira do pó (2006):

“... *demônio engana...*”

“... *lei do homem...*”

“... *o que faz pano que os pilantras se envolvem...*”

“... *eu tô na merda...*”

O *rapper* Rei fala que o principal inimigo do homem é o diabo e suas leis do homem. Critica várias vezes a arrogância do homem de se ver maior que Deus. Fala das guerras e repressões na favela.

3.4 Protetores

1) No rap de Viela 17, na música Desvio do Zagueiro (2010)

“... vem comigo fĩ...”

“... fê em Deus...”

“... família reunida...”

“... somos fortes, somos raça então...”

“... vou na defesa dos pivete da quebrada...”

Viela 17 fala que os protetores são: Deus, os amigos, os companheiros de *rap* e a família.

2) No rap de Enigmas da Fita, na música Escravo da pedra:

“... perdão para minha mãe, desculpa para meu pai...”

“... alguém pegue na minha mão...”

“... fale de Deus para mim cristão...”

“... Jesus vai ajudar...ele cura...”

“... ninguém por mim...”

“... só meus pais vão chorar...”

Os protetores desta música são Deus, os cristãos que vão pregar e ajudar o protagonista da música (em primeira pessoa), a família diante do qual se sente culpado. O autor se sente solitário e sem aliados, para além das forças divinas, neste momento.

3) No rap de Sobreviventes de Rua, na música Tire você a conclusão (2005):

“... é nós por nós...”

“... só Deus cura...”

“... amizade firma Viela 17, Beto e Duda sente o revide...”

O grupo afirma na música que as pessoas só podem contar consigo mesmas, e apontam a fé divina e a amizade existente entre os integrantes do *rap*.

4) No *rap* de Tropa de Elite, na música Silêncio da miúda (2010):

“... Cristo que tira o tormento...”

“... recordo o Marquin passando pro outro lado da rua...”

A música apresenta como protetores o colegas do hip hop (Marquin) e Cristo.

5) No *rap* do Cirurgia Moral, na música Trincheira do pó (2006):

“... lei de Deus...”

“... Cristo toque seu coração...”

“... ninguém no universo é mais que ele...”

“... Deus toma conta das minhas filhas...”

O *rap* Cirurgia Moral explicita claramente que os únicos protetores que existem são Deus e Jesus Cristo.

3.5 O que as músicas enfatizam – refrões

1) No rap de Viela 17, na música Desvio do Zagueiro (2010):

“... Fumaçô, como um sonho que não se realizou, como a vida que antes do fim terminou, como plano que não se concretizou, consciência contra o crack..é...”

Esta música tem como eixo contribuir para que se faça uma reflexão dos sonhos abandonados com o uso de drogas. Reforça a ideia de combate às drogas e a consciência de não uso com o objetivo de não ter uma vida desperdiçada.

2) No rap de Enigmas da Fita, na música Escravo da pedra:

*“... Eu não consigo ouvir
Eu não consigo pensar
Eu não consigo raciocinar
Mãe te peço perdão
Alguém pegue na minha mão
Fale de Deus prá mim cristão...”*

Este rap é uma mensagem de pedido de ajuda, onde o artista pede a palavra de Deus e formas de saída do vício das drogas onde ele se vê preso, angustiado e sem perspectiva. Sente culpado diante dos parentes, em especial a mãe, a quem pede perdão.

3) No rap de Sobreviventes de Rua, na música Tire você a conclusão (2005):

“Só sobrevive na lei da quebrada , quem aqui não deixa falha!”

Esta música tem o espírito do nome do grupo (Sobreviventes de Rua), ou seja, afirma que na periferia só sobrevive quem não erra, pois são muitos os conflitos e as adversidades que as pessoas são submetidas cotidianamente.

4) No rap de Tropa de Elite, na música Silêncio da miúda (2010):

“Tô no silêncio na miúda, preparado prá qualquer desafio

Prá defender o que é meu, preciso ser sangue frio...

Tô no silêncio na miúda.

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, Vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa...”

O *rapper* observa a rotina da periferia consumindo drogas que não parece causar danos e fala da necessidade cotidiana na periferia de estar sempre atento às adversidades. Afirmar ainda que está sozinho em seu canto vivendo um bom momento.

5) No *rap* do Cirurgia Moral, na música Trincheira do pó (2006):

“... Olha só, você não está só, tem um exército na trincheira do pó, o demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra” [2x]

O autor da música explicita o número expressivo de pessoas dependentes de cocaína e submetidas ao tráfico. Passa a mensagem de que ninguém está só nas angústias, por que acredita em Deus e o demônio engana as pessoas para elas se perderem nas drogas e atitudes erradas.

4- CONCLUSÕES PRELIMINARES

A partir da análise crítica das letras de rap, podemos observar que a violência policial e a tensão relacionada ao tráfico estão presentes em todos os conteúdos estudados. O medo da prisão, e da própria morte são reflexos da repressão vivenciada na periferia de Ceilândia.

Este contexto, refere-se ao ambiente proibicionista causado pela “guerra às drogas”, que Karam (2008) analisa como um Estado policial de repressão aos pobres em sua maioria negros, sendo estes ignorados em seus direitos fundamentais, resultando no controle social exercido através da criminalização das condutas relacionadas às drogas.

A violência estrutural é observada na descrição do cenário das músicas. Para Arendt (1985) a violência é ferramenta para coerção com fins de manter o poder sobre outros indivíduos, grupos e instituições. Ela aponta como violência estrutural, o cerceamento aos direitos básicos à educação, lazer, saúde, etc. As músicas analisadas pouco remetem ao Estado quando se referem a soluções para o abuso de drogas, o que leva a concluir que estas políticas de saúde são desconhecidas ou não lembradas quando se fala em dependência dos usuários, o que reflete um Estado omissor perante às necessidades da população.

Em grande parte do conteúdo, percebemos mensagens no teor de alerta onde os *rappers* apontam as consequências do envolvimento no crime e na dependência química, tais como: a morte em decorrência do uso de drogas, os assassinados entre guerras de gangues, o caminho das drogas leva à prisão, etc. Além disso, pode-se destacar as interpretações que propõem caminhos para a superação destes problemas, tais como: o maior envolvimento com a família, a busca da fé, a ajuda de amigos, etc.

Sob os aspectos das causas do uso de drogas, pode-se notar que os *rappers* apresentam uma diversidade de compreensão. Em algumas passagens o usuário é visto como uma vítima do diabo, alguém que quer fugir dos problemas, um vacilão (alguém que poderia estar em outra atitude); alguém que não está sobrevivendo na periferia; uma forma de enfrentar psicologicamente; membro do mundo do crime, etc. Em poucos momentos o uso de substâncias ilícitas é visto como algo que não expresse uma carga negativa, o que reflete uma recomendação de não uso destas substâncias, por entendê-las, de forma geral, como um meio de acesso a mais problemas.

Em nenhum momento, as letras de *rap* representaram o usuário como uma pessoa que deveria ser presa, ou mesmo isolada do convívio social. As expressões em sua maioria, apresentam mensagens de advertências para que este usuário não prejudique a si mesmo e sua rede de convívio,

em uma visão centrada na individualidade ampliada. As letras não remetem à criminalização do usuário, contudo, nem todas aprofundam os aspectos da totalidade na ação do indivíduo, na sua compreensão estruturante, o que pode ser resultado da baixa compreensão da situação de classe e dos aspectos da questão social na crítica ao sistema capitalista.

VAZQUEZ (2011) estuda o conceito das ideias estéticas de MARX em sua obra e explicita que a arte e a sociedade não podem se ignorar. Já que a arte é um fenômeno social, já que o próprio artista é um ser social. Existe a particularidade do criador; um elo entre o criador e o resto da sociedade e sua obra é uma força social, pois a carga emocional e ideológica que contem pode servir para conservar ou questionar a ordem.

A abordagem dos *rappers* compartilha o entendimento a respeito da realidade histórica, em particular, a segregação econômica e social vivenciada pela periferia. Também estimulam uma mudança de comportamento em seus ouvintes para que estes participem da estratégia de ação que almeja uma mudança social. Apresentam uma abordagem estrutural e particular, mas também uma visão individualista e moral.

Nesta acepção, o *rap* enquanto discurso musical, possibilita um processo de educação informal, de articulação da cultura popular com os demais conhecimentos. Este fato nos permite concluir que o *hip hop*, na expressão do *rap* tem o potencial de se articular com as políticas de saúde e a cultura, para construir uma estratégia de intervenção na busca do autocuidado, ou seja, nas formas de promoção e prevenção da saúde, na ampliação do acesso aos usuários e às contribuições políticas destes coletivos.

5- REFERÊNCIAS

Andrade, E.N. (1999). “*Hip Hop: movimento negro juvenil.*” Em E.N.Andrade (Org.) *Rap e educação, rap é educação.*(pp.83-92). São Paulo: Summus.

Arendt, Hannah. *Da violência*. Brasília: Ed. da UNB, 1985. (Col. Pensamento Político n. 65).

Arquivo Público do Distrito Federal. *Ceilândia: resgate histórico*. Brasília, Cadernos de Pesquisa – 10, p. 48.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção de Saúde. *As cartas da promoção de saúde*. Brasília, 2012.

Brasil. Ministério da Saúde. *A política do Ministério da Saúde de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília; 2003.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. DAPES. Coordenação-Geral de atenção à saúde mental, álcool e outras drogas. *Saúde Mental no SUS: as novas fronteiras da Reforma Psiquiátrica*. Relatório de gestão 2007-2010. Brasília: MS; 2011.

Brasil. Presidência da República. Lei Nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde.

CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD – 2011/2013.

CODEPLAN – Pesquisa do perfil do jovens do Distrito Federal – 2012.

Coutinho, C. *Gramsci e a sociedade civil*. Sítio Gramsci e o Brasil. Disponível em:

<www.artnet.com.br/gramsci>. Acesso em: 17 jan. 2006.

Dcook, *Hip Hop History*. Disponível em: <<http://www.daveyd.com/rapphist3.html>> Acesso em: março de 2012.

Delgado, Pedro Gabriel. *Saúde Mental e Direitos Humanos: 10 anos da Lei 10.216/2001*. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol 63, Nº 2 (2011).

Elias, Lucília de Almeida e Bastos, Francisco Inácio. *Saúde Pública, Redução de Danos e a Prevenção das Infecções de Transmissão Sexual e Sanguínea: revisão dos principais conceitos e sua implementação no Brasil*. Abril de 1999.

Gil, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

Karam, Maria Lúcia. Escritos sobre a liberdade, vol.1: *Recuperar o desejo da liberdade e conter o poder punitivo*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2009.

Machado, Maria Salete Kern e Sousa, Nair Heloísa Bicalho. *Mapa da cidadania: em rede na defesa dos direitos humanos e na formação do novo profissional do direito*. Brasília: Faculdade de Direito, 1998.

Marlatt, G. A. *Redução de Danos: estratégias práticas para lidar com comportamento de alto risco*. Porto Alegre; Artes Médicas Sul; 1999.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Pacheco, J. G. *Práticas e Representações sociais da loucura: o desafio cotidiano da desinstitucionalização*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

Pereira, Potyara A. *Necessidades humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

Ribeiro, Christian Carlos Rodrigues. *A cidade para o movimento hip hop: Jovens afro-descendentes como sujeitos político*. Disponível em: <www.palmares.gov.br/wp.../A-cidade-para-o-movimento-hip-hop.pdf>. Acesso em: março de 2012.

Resende, Mara. *Movimentos de moradores: a experiência dos inquilinos de Ceilândia*. Paviani, Aldo. (org) *A conquista da cidade*. Brasília: UnB, 1991.

Rocha Janaina; Domenich, Mirella; Casseano, Patrícia. *Hip hop: a periferia grita*. Fundação Perseu Abramo, 2001, 160 p. ISBN: 2147483647.

Tavares, Breitner Luiz. *Na quebrada, a parceria é mais forte – juventude hip hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília DF, 2009.

Vasconcelos, E.M. *Educação Popular e Atenção a Saúde da Família*. 5.ed. São Paulo, Hucitec, 2010.

Vázquez, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

ZGIET, Jamila. *A reforma psiquiátrica no Distrito Federal: um estudo sobre os principais obstáculos ao processo de implementação*. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Política Social)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

6- ANEXOS

6.1 ANEXO 1 Quem são os *rappers* (grupos):

- 1) Viela 17 - considerado um dos grupos mais importantes do *rap* da Ceilândia, nascido nas ruas de Ceilândia, possui 13 anos de história. A banda foi criada pelo *rapper* Japão e leva o nome da rua na Ceilândia Norte onde ícones como X (Câmbio Negro), DJ Jamaica (Álibi) e Tropa de Elite também contribuíram na cena do *rap* em Brasília. Em novembro deste ano, o Viela 17 lançou seu mais novo disco intitulado "Eles falam quando deveriam ouvir" como uma prévia de seu próximo álbum "20 de 40", em comemoração aos 20 anos da carreira do *rapper* Japão. Possui parcerias com diversos grupos como: Tribo da Periferia (Planaltina – Distrito Federal), GOG (DF), Racionais (SP), entre outros.
- 2) Tribo da Periferia - É composto por Luís Fernando Correia, o *rapper* e produtor musical Duckjay e Nelcymário Rodrigues, o DJ e Web Designer Bolatribo, início na década de 1990 em Planaltina – DF. Tribo da Periferia é a novidade do *gangsta rap*. Duckjay além de *rapper* é produtor musical. Foi indicado no ano de 2008 ao prêmio Hutúz como melhor produtor do Brasil. Produziu grupos como Guind'art 121, Cirurgia Moral, 3 um só e Consciência Nordestina, dentre outros grupos de *rap* iniciantes da região.
- 3) Enigmas na Fita - Sandro Alex, conhecido como Rapper Sossego, cantor de *rap* é o fundador do grupo. Juntamente com o *rapper* M. Jay, é também presidente da associação CHAC (Central Hip Hop Arte e Cultura). O grupo tem origem no município de Águas Lindas – Goiás, aproximadamente 25 km da Ceilândia – Distrito Federal, e atualmente residem na região da Ceilândia Norte.
- 4) Sobreviventes de Rua - formado em na região de Ceilândia Sul em 1997. O grupo é formado inicialmente por Buda, Henrique e Preto Beto. Participaram nos anos de 2007 a 2010 de vários concertos filantrópicos em benefício de HIV positivos, e oficinas de rimas no antigo Centro de Atendimento Juvenil Especializado do Distrito Federal (CAJE-DF).
- 5) Tropa de Elite – Grupo bastante famoso na cena do *rap* de Brasília, foi formado na região da Ceilândia Norte em 1989. O criador do grupo é chamado de Marquin, sua história foi tema

do filme *Branco Sai, Preto Fica* do cineasta brasileiro Adirley Queirós que ganhou a Mostra Competitiva da 47ª Edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Marquim se tornou paraplégico em 1986, após ser vítima de um tiro da polícia quando estava em um tradicional baile de música *black* daquela época, conhecido como Quarentão.

- 6) Cirurgia Moral – De origem na Ceilândia Norte, o grupo Cirurgia Moral surge em 1993, inicialmente com o trio: Rei, “W” e China. Em 1994 lançaram o álbum “Cérebro Assassino” (na época, apenas em vinil), que contou com a participação do grupo Câmbio Negro. O disco vendeu na época 6.000 cópias, recebendo o prêmio “Revelação do Ano” na categoria *Rap*, evento promovido pela Metrô FM de São Paulo através do programa “Projeto *Rap* Brasil”.

6.2 ANEXO 2 Letras das músicas

Letra 1) Desvie do zagueiro

Japão Viela 17 e Tribo da Periferia, 2010.

Hoje, enterra a pistola prá livrar dos espinhos, sozinho bastante, prá chutar as pedras do caminho, pés no chão, sapatinho, do contra hoje é o cachimbo, uma vez fumaça, carimbo certidão final do vivo!

Olá seu sonho, fumaçô outra vez, do *kamikaze* ao mendigo, da liberdade ao xadrez, quantos não cantam a canção, do contrário, contrariado, muitos são contra, exaltam sorrisos contrabandeados.

Contra os irmãos, contras as minas, contra a missão, contamina, contra a função, contra a vida, prazer que o amor abomina, e lá vem ele faceiro, driblando o time inteiro é *crack*, mais não passou do zagueiro.

Favelado é um estrangeiro, não vê cor, não vê dinheiro, não vê classe, intelecto ou estado financeiro, contrariando os primeiros, primeiro a ponto desafiou, apostou no massacre, *hip hop* contra o *crack*.

Fumaçô, como um sonho que não se realizou, como a vida que antes do fim terminou, como plano que não se concretizou, consciência contra o *crack*.. é...

Vem comigo fí, na contra mão eu tô, não contradiz assim, porque quem te tem amor, contraparte daqui, contra a maré que eu vou, pedra contra zumbi, num mundo de valor, mais tão tocando sempre contra meu time loco, espelho é seu, vê quem vai ser seu time inteiro, fé em Deus, atitude, sei que o difícil é correto, porra, sorria sempre na foto, tem muitos contra você, contrariando todos que são contra nós, contra regras, abra os olhos, seja um crack da vida, ran... vamos pintando bem, com as cores do mal, me falaram que ele é crack, mais não passa do zagueiro

Fumaçô, como um sonho que não se realizou, como a vida que antes do fim terminou, como plano que não se concretizou, consciência contra o *crack*.. é...

Na contra mão, dos jogos sujos e das patifarias, sistema é foda atrasa o lado, traficante liga, que visa o lucro, fodendo tudo, dignidade sequelada pra família só restando luto,

dos quatro cantos da favela vira toda ação, não ser omissos é a cara, o bonde na missão!

Eu vou fazer, a parte que foi maquiada, não tem caô, só melhoria nas ideias, saca?

Vou na defesa dos pivete da quebrada, família reunida, sente os firma, os vagabundos a nata, o ponto forte do combate a nossa meta irmão, mesmo no contra somos raça, somos forte então, tapa na cara do sistema injusto, senhor medir ou revisar a canalhice e o conceito dos lucros.

É disso que estamos falando, vou botar mais pilha, não tem espaço prá covarde falador, traíra, sente a fumaça, olha a pedra, quantas merdas firma, segura o pranto da senhora, atenção desvia, vai aproveita o momento, moleque guerreiro, seja um *crack*, desvie então desse zagueiro.

Fumaçô, como um sonho que não se realizou, como a vida que antes do fim terminou, como plano que não se concretizou, consciência contra o *crack*.. é...

Letra 2) Escravo da “pedra”

Enigmas na Fita

A pedra na perfeição
Fez favela cenário de televisão
E da ibope
A evolução dela e o ox
quero morre logo
min desejem sorte
Eu não consigo ouvir
Eu não consigo pensar
Eu não consigo raciocinar
Mãe te peço perdão
Alguém pegue na minha mão
Fale de Deus pra min cristão
Sou escravo da pedra jhow!
Dou a vida por ela
E dela eu não consigo esquecer
Será que eu vou fumá o *crack* até morrer?
Já pedi perdão pra minha mãe desculpa meu pai
O crack é coisa do demônio praga do satanás
Já não aguento mais essa vida sem graça
De pegá coisas caras e troca por Al-Qaeda
Só pra fica tranquilo
E relaxa o metabolismo
Eu acho eu acho que meu final vai ser trágico
Se alguém mim pega no fundo do quintal é mal
É pau no gato, é pau no gato
E se polícia chega fim de carreira
Faca na caveira
Só meus pais vão chorá
Não tem mais ninguém por mim
Triste fim, triste, fim triste fim

Minha vida é paia jhow
Só agonia na fumaça do vapor
E assim constantemente
O *crack* é uma doença
Eu tô doente
Eu não consigo ouvi
Eu não consigo pensar
Eu não consigo raciocinar
Mãe te peço perdão
Alguém pegue na minha mão
Fale de Deus prá min cristão
Meu amigo escuta
Levanta sua cabeça
Sua moral
Sua conduta
Porque eu conheço alguém
Que pode te ajuda
Jesus de Jerusalém
Jeová Rafa
Já ouviu fala?
Já ouviu fala?
Ele cura cego aidético paralítico e leproso
Que é muito mais cabuloso
É cabuloso o *crack* é cabuloso
Eu viro bicho min transformo em lixo
Depois da primeira bola na lata de Coca-Cola
Vejo o diabo min chamando e a morte min puxando
Eu tô morrendo mãe eu te amo
Desculpa pela dor desculpa pelo desgosto
Olhei no espelho e vi um mostro era meu rosto
Todo chupado só o esqueleto
E o meu corpo treme todo quando eu vejo um queijo
Tento min segura, mas não consigo.
O vício é, mas forte e toma meu sentido.

Eu não consigo ouvi eu não pensar
Eu não consigo raciocinar
Mãe te peço perdão
Alguém pegue na minha mão
Fale de Deus prá mim cristão
Não deixe se abater quando me ver abatido
É que eu não consigo
Eu não consigo ouvi eu não pensar
Eu não consigo raciocinar
Tem misericórdia baruk habar
Por que eu experimentei a pedra maldita
Que destrói a mente o corpo a alma e a vida
Uma é 10, duas é 20
Quem experimenta não resiste
Fuma na lata, no cachimbo e no pit
Eu não consigo ouvi eu não pensar
Eu não consigo raciocinar
Mãe te peço perdão
Alguém pegue na minha mão
Fale de Deus pra mim cristão.

Letra 3) Tire você a conclusão

Sobreviventes de Rua, participação Japão Viela 17, 2005

Só sobrevive na lei da quebrada, quem aqui não deixa falha!

Mais uma vez os embalo na quebrada está o mesmo ibope, a fumaça subindo, mente em órbita, pressão sobe, merla, cocaína o baque, várias paisagens, o consumo aumentando já fazem parte da nossa paisagem, cada quebrada um inferno delirante é uma viagem e não importa tamanho 10 e 11 anos, já são vítimas do engano, sem mais ensinados, atitudes do cão, vendendo no dia, ao seu lado do único considerado, então Campo da Esperança, São Francisco, quantos enterrados, infelizmente a lei é podre, cega e suja, sobrevivente mostramos a verdadeira face negra das ruas, seja aqui, ali, quantas viaturas, sepultura, loucura o ferro na cintura, a noite chega, o mesclado enrolado do lado uma cerveja, cada quebrada um inferno delirante, bem vindo seja, a tentação na mesa, não se sustenta, mergulha de cabeça, 12, oitão, 765, uma banca é atrativo, 157, 12, 155, não esqueço o abençoado no domingo, eu sobrevivo na lei do perigo!

Só sobrevive na lei da quebrada, quem aqui não deixa falha!

Daqui a paisagem já não é mesmo bela, infelizmente o palco de terror onde o diabo impera, mais uma noite maconha, cocaína e merla, são alguns argumentos preenchidos no tempo é só mais um pretexto, outro velório, outro enterro, mais uma mãe de preto, em plena madrugada, 1,2,3, talvez 4 camarada, em frente a bocada, é só uma tragada, o céu transforma em inferno, a consciência não reage, o diabo aparece de terno ele é seu parceiro, conduz a sua cabeça, os aliados do bar e veio se afrontar é dinheiro, empenhe os seus bens, limpe os seu puteiro, diariamente isso aqui é o ciclo do gueto, prá te dar de pandeiro trilha sonora do seu próprio enterro, viatura na área dispensa o flagrante no beco e torça pela paz, até menores que a gente são vítimas desses animais, “modeleti” na quebrada também foi o lema de governo em governo sempre mudar o sistema, '57' é o lucro mesmo esquema!

Só sobrevive na lei da quebrada, quem aqui não deixa falha!

Aí? Chegou alguma parada boa prá nós aí? Chega até chegô malandro, mais qual que é a sua?

Ei, olha só o inimigo, dobrando na esquina de faróis apagado, rá.. vai dá enquadro, vamos pro outro lado, hoje prá vendê droga cumpadi tá embaçado ...

Canalhas ficam putos, programando seu enterro, vai que vai, sente só o clima só pros desordeiros, rá... é nós por nós, a lua escura forma o clima, é só chacina do outro lado a quadrilha, sobrevivente, a regra nunca foi quebrada, quem é firmão lança o som, dispensa a quadrada, respeita a mãe, pede bença para o seus padrinhos, não tem caô, o papo é reto não tem dividido, a causa é

séria, a droga vira seu parceiro, se a justiça não chegar, implore de joelhos, não tem parada , ideia é o corretivo, sem pela saco nos cercando, morte aos inimigos, só Deus na cura, a luz divina que refleti, a amizade firma vai, Viela 17, sem atrasar, sem ver o lado dos canalhas, acreditando nos parceiros essa é a cara, sem dispensar o lado forte dos humildes, sem rico e preto, Beto, Duda, sente o revide! Só sobrevive na lei da quebrada, quem aqui não deixa falha!

Letras 4) Silêncio da miúda

Tropa de Elite, 2010

Tô no silêncio na miúda, preparado pra qualquer desafio

Prá defender o que é meu, preciso ser sangue frio...

Tô no silêncio na miúda.

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, Vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa

Tô no silêncio na miúda, preparado pra qualquer desafio

Prá defender o que é meu, preciso ser sangue frio

Azálio 2 sempre um bom caçador, para me proteger do inimigo aonde que for

Seja o que for, é difícil esquecer os problemas, quando o sangue sobe pra cabeça é cabuloso quando você procura algo neste mundo que te fortaleça

Parece que até o sol não quer brilhar pra você!

A zinquira e os inimigos juntam tudo e fede igual a cê cê

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa ...

Tô no silêncio na miúda, preparado pra qualquer desafio

Pra defender o que é meu, preciso ser sangue frio...

Tô no silêncio na miúda.

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa

De frente o seu barraco, sentado no banco, só observando o vai e vem das carreta e os pivete do corre chegando, é se liga Zé

Recordo o Marquinho passando do outro lado da rua, desviando das pedras de tropeço, instinto herdado de berço, desde criança aprendendo a conviver com o sofrimento parceiro.

Vou no silêncio da miúda!

E prossegue a caminhada e o inimigo tem a ferramenta para te jogar em barca furada, na continuada usa o capa de pistola pra te caguetar na fita de cinema que foi dada, que nada, nessas horas quem fala mais alto é a numerada.

E capa no final ganha delação premiada...

Tô no silêncio na miúda, preparado pra qualquer desafio

Prá defender o que é meu, preciso ser sangue frio...

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa

Ai Marquinho tipo assim, de que adianta ir contra o vento si, na caminhada é Cristo que tira o tormento em ti, em minha mente um monte de pensamento eu fiz,

separação do que é bom pro meu sustento eu vi, nessa jornada uma pá de gente louca, correndo atrás das verdes estão com a cabeça na forca, querendo se dar bem, com os malotes de 100, só que muito sem Deus não da pano prá ninguém

Tem na bandidagem uma certa competição, que te leva prá cadeia ou prá dentro do caixão!

Na foco na ação dentro de cada cidade, pena que a humanidade cresceu prá ser covarde, ouça mensagem tudo que eu estou te falando, o tempo está passando Jesus está voltando, mano, é reino contra reino rumores de guerra, em vários lugares já tremores de terra, enchentes, o amor que se esfriô completamente,

e o que vem na frente, um lago de fogo ardente, feito pro mal e pro segue a serpente, aonde só haverá dor e ranger de dente, se compreende pense no que vai querer fazer, se vai querer subir ou vai querer descer, andar com Jesus é a meta prá vencer, nascemos prá ganhar então, não vamos perder!

Tô no silêncio na miúda, preparado prá qualquer desafio

Prá defender o que é meu, preciso ser sangue frio...

Tô no silêncio na miúda.

Na paranoia eu ligo índio e sumo na fumaça, misturo tudo, vulcano com vodca e penso que estou curtindo uma lombra massa

Letras 5) Na trincheira do pó

Cirurgia Moral, 2006

Aí parceiro, eu não tenho nada a ver com sua vida tá ligado? mais eu queria te falar o seguinte, que existe a lei do homem e a lei de Deus eu acredito que a lei de Deus pesa mais que a lei do homem, tá ligado? a lei da selva a lei dos bicho solto a lei da favela maloqueiro morto tá com medo de deixar o mundão, é só deixar que Cristo toque o seu coração

Olha só, você não está só tem um exército na trincheira do pó, o demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra. [2x]

Distúrbio mental aqui é mais um louco, mais um do pesadelo mais um no sufoco, na correria trabalho noite e dia com a esperança vei de melhorar de vida, ai parceiro me empresta o seu isqueiro que é pra mim queimar o trapaceiro te bota pilha nos moleque que mete a ripa filho de alguém honesto agora um latrocida o demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra Deus toma conta aqui das minhas filhas prá que não

sofram e sintam a agonia pros seus filhos maluco eu também peço sintonia com o crime não dá certo se é precisão cada um é um B.O. pra vida que te espera a morte é bem melhor saca só você não esta só tem um exército na trincheira do pó se eu entendo, há como eu entendo viver no sofrimento a noite o tormento sem Deus maloqueiro não vai longe gente boa no inferno tem de monte ninguém é mais que Deus aí eu pago pra ver me mostre alguém me mostre quem pode ser Olha só, você não está só tem um exército na trincheira do pó O demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra. [2x]

Ai Paulim tá lembrado de mim? se ajoelha aqui agora vai chegar o seu fim suor frio e pronto pro abate assim quem é assim que quem vive na maldade não era minha hora agradeço a Deus ele atirou mascou os três no pinote estilo cavalo doido liguei os meus comparsas chamei o reforço e a cavalaria chegou bem mais tarde ai cumpade não esquentas Deus que lhe guarde tá tudo certo melhor deixar prá lá ideia certa Jamaica e o Rivas o tributo ninguém fica de luto (ram) tô nem aí nem pro Mickey nem pro Pluto Deus é mais ama até os marginais você quer mais e não sabe o que faz passa o pano que os pilantra se envolve com os bacana com luxo e com grana não tá com o rei na barriga mais pode crê, mais que Deus você não vai poder ser .

Olha só, você não está só tem um exercito na trincheira do pó,o demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra. [2x]

Eu tô na merda mais eu me levanto não é a primeira nem a segunda malandro eu sei até onde vai o meu limite, ai cumpade meu *rap* é dinamite nem bandido nem político ou cafetão nem os policia nem os bom ladrão ninguém no mundo ninguém no universo ele é mais ele é mais mais o crime é o resto o que me resta é só brigar com as feras e o que não presta sobra pra favela o sangue escorre o sangue mancha o chão ai ladrão não da trégua e perde o perdão ninguém é mais que Deus nem de suas leis ele atirou mascou uns três ninguém é mais que Deus e nem de suas leis ele atirou e mascou uns três.

Olha só, você não está só tem um exército na trincheira do pó,o demônio engana até a sombra e os irmãozinhos viajam na lombra. [2x]

6.3 ANEXO 3 Glossário

Atitudes do cão – atitudes maldosas

Azália 2 – algum lugar conhecido

Bacana- rico

Baque – surpresa

Barca furada – onde vai se dar mal

B.O – problemas, boletim, de ocorrência

Bocada – é onde a droga é comercializada, boca de fumo

Botar pilhar – aticar, manipular

Cabuloso – poderoso, forte

Caguetar a fita- denunciar, dedurar

Capa de pistola- inimigo

Carreta – carro

Cavalo doido –pessoas com atitudes inconsequentes

CC – odor nas axilas

Dar de pandeiro – dar de mão beijada, de graça

Deixar o mundão – abandonar o crime

Delação premiada - denúncia feita por integrante de uma quadrilha em troca de benefícios judiciais

Dinamite – sucesso

Dispensar a quadrada – se livrar da arma

Embaçado – ruim, difícil

Embalo – movimento

Enquadro – revistar

Feras – inimigos

Ferro – arma

Fi – companheiro

Fim de carreira – vai para a prisão

Firmão – tudo bem

Geova rafaz- Deus

Latrocida – quem comete um latrocínio

Ligar o índio – Fumar maconha

Lombra – Pensar longe sob efeito de drogas, viajar no pensamento

Maloqueiro – criminoso

Mascou – quando a arma não atira

Mesclado – droga (cigarro com *crack*)

Na fita – presente, comandando.

Não se sustenta – não aguenta

No pinote – fugindo

Numerada – dinheiro

Ox – droga derivada da pasta base da cocaína

Paia – ruim

Papo reto – poucas palavras, objetivo

Passar o pano- observar , vigiar

Pau no gato – ser agredido

Parada – droga

Pedra- *crack*

Pedras de tropeço – pessoas que te prejudicam

Pela saco – pessoa inconveniente, chata

Pite- cachimbo para fumar o *crack*

Pivete do corre – menores que roubam e traficam

Precisão – necessitar de alguém

Pronto pro abate – pronto para matar ou morrer

Quebrada – bairro, região, setor

Silêncio na miúda – observando, preparado para qualquer coisa, esperto, atento

Tá ligado – tá sabendo

Trincheira do pó – vários usuários de cocaína

Vulcano – energético

Viaja na lombra – se drogar

Zinquizira- azar

12 , oitão e 765 – são tipos e armas

157- assalto

12 – tráfico

155- furto